

ALIENAÇÃO E REIFICAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE LUKÁCS E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL (PHC) NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Marcela Figueira Ferreira¹
Agercicleiton Coelho Guerra²
Osterne Nonato Maia Filho³
Ranyelle Barbosa Alves⁴

RESUMO

O presente artigo busca analisar algumas convergências entre Georg Lukács, Vygotsky e Leontiev visando demonstrar a importância da práxis para a superação da alienação e da reificação constitutivas da sociabilidade atual. A metodologia empregada busca comparar e articular conceitos a partir da revisão de textos fundamentais de Vygotsky e Leontiev, autores da Psicologia Histórico-Cultural (PHC) e História e Consciência de Classe de Lukács. A partir da crítica marxiana à alienação e ao fetichismo da mercadoria, discute-se como Lukács aprofunda a análise ao reformular a categoria de reificação, entendida como a generalização da lógica da mercadoria que transforma relações sociais e consciência em coisas. Em diálogo, a Psicologia Histórico-Cultural concebe a subjetividade como produto histórico-cultural formado na atividade prática e no trabalho, reconhecendo que, em contextos alienados, a consciência pode se constituir de modo fragmentado e empobrecido. Conclui-se que essa articulação fortalece projetos críticos e emancipatórios na filosofia, psicologia e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação. Reificação. Psicologia Histórico-Cultural.

ALIENACIÓN Y REIFICACIÓN: ENFOQUES ENTRE LUKÁCS Y LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL (PHC) EN LA CONSTITUCIÓN DEL SUJETO

Este artículo analiza algunas convergencias entre Georg Lukács, Vygotsky y Leontiev, con el objetivo de demostrar la importancia de la praxis para superar la alienación y la reificación que caracterizan la sociabilidad actual. La metodología empleada compara y articula conceptos a partir de una revisión de textos fundamentales de Vygotsky y Leontiev, autores de la Psicología Histórico-Cultural (PHC), y de Historia y Conciencia de Clase de Lukács. Partiendo de una crítica marxista de la alienación y el fetichismo de la mercancía, el artículo examina cómo Lukács profundiza el análisis reformulando la categoría de reificación, entendida como la generalización de la lógica de la

¹ Doutoranda em educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da rede municipal de educação em Fortaleza. Email: marcela.ferreira@aluno.uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9289-8273>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8114460962286788>.

² Doutor em educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da área de fundamentos da educação (UFC). Email: ageguerra@ufc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8377-8971>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2456892294445426>.

³ Doutor em Educação pela (UFC) e Pós-Doutor em Psicologia (UFRN). Professor de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Educação (UECE). Email: Osterne.maia@uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4636-1912>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7436001421675280>.

⁴ Doutoranda na mesma instituição. Email: ranyelle.barbosa@aluno.uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5975-5720>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9209812570800735>.

mercancía que transforma las relaciones sociales y la conciencia en cosas. En este diálogo, la Psicología Histórico-Cultural concibe la subjetividad como un producto histórico-cultural formado en la actividad práctica y el trabajo, reconociendo que, en contextos alienados, la conciencia puede constituirse de manera fragmentada y empobrecida. Se puede concluir que esta articulación fortalece los proyectos críticos y emancipadores en filosofía, psicología y educación.

PALABRAS- CLAVE: Alienación. Reificación. Psicología histórico-cultural.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades capitalistas, a constituição do sujeito não pode ser compreendida de forma dissociada de sua constituição social e historicamente determinada. No entanto, é comum se atribuir à maneira como os indivíduos pensam, sentem e envelhecem a relações sociais frequentemente apresentadas como naturais, inevitáveis ou determinadas por forças externas à vontade humana. Essa aparência de naturalidade, que ofusca a historicidade inerente ao desenvolvimento do sujeito social, está diretamente relacionada ao fenômeno da reificação, de acordo com Georg Lukács em sua crítica à alienação moderna.

A reificação consiste na transformação das relações sociais em coisas, em estruturas objetivas aparentemente autônomas e intransponíveis que repercutem na formação de uma consciência alienada – incapaz de perceber sua origem social e de atuar criticamente sobre a realidade. Esse processo de reificação e alienação tem implicações diretas na constituição da subjetividade, pois atua como um obstáculo à formação de uma consciência ativa, histórica e potencialmente transformadora do mundo social.

Acerca desta questão, no campo da psicologia autores como Vygotsky e Leontiev, dentre outros membros da Psicologia Histórico-Cultural, também desenvolveram uma crítica às concepções naturalizantes, inatistas, individualistas e biologizantes da subjetividade. Para eles, a consciência não é um dado natural, mas um produto histórico-cultural, que se estruturou a partir daquilo que nos distingue dos animais: o trabalho. Atividade fundante do ser social, cultural e simbólico, a partir do qual se inicia o processo de humanização.

O ponto de partida do marxismo sobre a consciência consiste em que ela é uma forma qualitativamente especial do psiquismo. Embora a consciência também tenha uma longa pré-história na evolução do mundo animal, ela

surge pela primeira vez no ser humano no processo de formação do trabalho e das relações sociais. Desde o princípio a consciência é um produto social (Leontiev, 2021, p. 52).

A reflexão acerca da sociedade alienada e reificada se torna urgente na atualidade em vista do agravamento desse processo, presente na dita sociedade do mercado e do consumo. Tal reflexão torna possível não só compreender como certas formas sociais alienadas limitam o desenvolvimento psicológico e a autonomia do sujeito, mas também como seria possível sair desse enredamento e transformar a realidade social.

Este trabalho propõe investigar os pontos de aproximação entre Lukács e a psicologia histórico-cultural, com ênfase nas categorias de alienação e reificação e suas repercussões na constituição da subjetividade. O objetivo principal é demonstrar como ambas as tradições teóricas convergem em uma crítica à naturalização de sujeitos alienados e reificados, procurando produzir indicações de superação deste processo por meio de práticas sociais, educacionais e culturais.

A análise será realizada especialmente pela análise comparada da obra, História e Consciência de Classe, de Lukács; Pensamento e Linguagem, de Vygotsky; Atividade, Consciência e Personalidade e Desenvolvimento do Psiquismo, de Leontiev. Com isso, esperamos contribuir para o aprofundamento de uma perspectiva crítica e dialética da subjetividade, que supere tanto o psicologismo quanto o sociologismo abstrato, visando fortalecer projetos emancipatórios no campo da psicologia e da educação, fornecendo elementos para uma práxis social transformadora da realidade.

ACERCA DA ALIENAÇÃO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

A alienação é uma categoria fundamental na teoria marxista, servindo como uma ferramenta crítica indispensável para a análise das sociedades capitalistas. Originalmente formulada por Karl Marx em seus primeiros escritos e posteriormente desenvolvida em sua crítica madura da economia política. A teoria da alienação expõe como as relações de produção capitalistas distorcem as relações sociais e a existência humana. O pensador marxista Georg Lukács, décadas mais tarde, como ressaltado por Netto (1981), retomou e aprofundou essa análise através do seu

conceito de reificação, demonstrando a penetração da alienação e do fetichismo em todas as esferas da vida social.

Sem uma teoria da alienação é impossível pensar a problemática do fetichismo. Para Marx, o fetichismo é uma modalidade de alienação. Todavia, quando a concretização histórica alcançada pela sua reflexão a partir de 1857-1858 permite-lhe colocar integralmente o problema do fetichismo, a teoria da alienação torna-se um complexo teórico-crítico que passa a abarcar um amplo conjunto categorial onde desempenhará papel-chave a noção de reificação (Netto, 1981, p. 73).

O ponto inicial para abordarmos a reificação dá-se de forma preliminar, no Livro I d'O *Capital*, de Karl Marx (2013). Na dita obra o autor parte de uma pergunta preliminar, a saber, "Qual o caráter enigmático do produto do trabalho, assim que ele assume a forma-mercadoria?". Ora, a mercadoria apresenta-se como a forma mais elementar de riqueza em sociedades de economia capitalista. Marx (2013) demonstra que a mercadoria pode manifestar sua materialidade de formas distintas como: valor de uso, por sua utilidade e necessidade social e valor de troca, por seu intercâmbio entre mercadorias distintas, mas equivalente em valor-trabalho empregado em sua produção.

Em suas obras, o filósofo alemão d' O *Capital* mostrou como a mercadoria possui um duplo caráter, pois ela possui um valor de troca e um valor de uso. Ao olharmos a mercadoria, não imaginamos que ela contém uma complexidade constitutiva para além de atender uma necessidade humana, na forma de um bem útil. Quando a mercadoria tem como fim ser consumida para atender um anseio do sujeito, ela expressa sua forma como valor de uso; quando se torna o veículo da valorização do valor, ela se manifesta como valor de troca. Portanto, é no valor de troca que a alienação se presentifica.

A primeira formulação sistemática de Marx sobre a alienação encontra-se nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, de 1844. Nesta fase inicial, fortemente influenciada por uma perspectiva antropológica e filosófica, o autor identifica a alienação primordialmente na esfera do trabalho. Ele descreve o trabalho alienado como um processo que se desdobra em quatro dimensões interligadas, a primeira é a alienação do produto do trabalho. Esta forma de alienação ocorre quando o objeto criado pelo trabalhador se torna estranho a ele, isso se dá pois embora produzido pelo indivíduo o resultado da produção não lhe pertence. Paradoxalmente, quanto mais o indivíduo produz, mais pobre ele se torna, pois sua criação enriquece o capitalista e

fortalece o sistema de exploração. Essa separação se estende à própria alienação da atividade produtiva, a segunda forma de alienação ressaltada por Marx (2011), na qual o ato de trabalhar não é uma expressão da criatividade e da essência humana, mas sim, uma atividade forçada e externa a quem produz. Portanto o trabalho se transforma em um sacrifício, uma perda de si mesmo, onde o trabalhador só encontra liberdade fora dele, como acentua Netto (1981, p. 73).

[...] a primeira formulação marxiana da alienação, nos Manuscritos de 1844, malgrado seus méritos, é ainda abstratamente antropológica (feuerbachiana); é somente por volta de 1857 — quando inicia o seu trabalho maduro de crítica da economia política (nos Grundrisse) — que Marx alcança a elaboração ontológico-social do conceito.

Interligada as duas formas de alienação citadas acima, ressaltamos a terceira que faz referência à quando nos distanciamos do ser genérico ou da natureza humana. Para Marx (2010) o trabalho livre e consciente é o que distingue fundamentalmente os seres humanos dos animais. Contudo, sob o capitalismo, o trabalho alienado reduz a atividade vital humana a um mero meio de subsistência, despojando o indivíduo de sua própria essência humana.

Como consequência direta de todo esse processo, as relações entre os indivíduos também se tornam alienadas, resultando na quarta dimensão da alienação, caracterizando a alienação de um indivíduo em relação ao outro. A relação do trabalhador com o capitalista, e até mesmo com seus pares é mediada por essa estrutura de estranhamento, sendo determinada pela lógica do capital e não por uma solidariedade humana genuína.

Nesta fase de sua investigação, o filósofo alemão entende a propriedade privada não como a causa, mas como consequência do trabalho alienado. Embora fundamental, essa abordagem inicial ainda era abstratamente antropológica e carecia de uma fundamentação histórico-social mais concreta, que só seria desenvolvida em suas obras posteriores.

A ALIENAÇÃO NA MATURIDADE DE MARX: A TEORIA DO FETICHISMO

A partir de 1857, especialmente nos Grundrisse e em O Capital, Marx move sua elaboração da categoria alienação de um plano filosófico para uma análise crítica rigorosa da economia política de seu tempo, elaborada pelos economistas burgueses.

A teoria da alienação torna-se parte de um complexo teórico-crítico mais amplo, onde a chave para compreendê-la é a teoria do fetichismo da mercadoria. Portanto, sem a teoria da alienação, é impossível compreender a problemática do fetichismo.

O fetichismo descreve o fenômeno central da sociedade produtora de mercadorias, em que as relações sociais entre os produtores assumem a forma de relações entre coisas. Marx (2013) caracteriza a mercadoria como uma "coisa sensível-suprassensível". Em seu aspecto sensível, ela é um objeto com propriedades físicas; em seu aspecto supra sensível, ela expressa uma propriedade social, o valor, que não é inerente à sua natureza física, mas é próprio do ser social. No entanto, na consciência dos agentes sociais, essa propriedade social, o valor, aparece como uma qualidade natural e objetiva da própria mercadoria. É por essa razão que o caráter social do trabalho humano fica, assim, disfarçado e mistificado, visto que o trabalho é a verdadeira fonte da riqueza, que se configura no capitalismo também como produtor de mais valor, ou mais valia, ou seja, a parte do salário não pago que é apropriada pelo capitalista como lucro. Desta forma, é exploração que precisa ser escamoteada, mistificada como relação natural e justa.

Essa inversão da realidade não é uma simples ilusão subjetiva, mas uma aparência objetiva gerada necessariamente pela própria estrutura das relações sociais capitalistas. Como explica Merab Mamardashvili (1968), os mecanismos sociais, como a troca mercantil, operam independentemente da consciência individual, transformando as relações reais em formas transformadas que são então percebidas pelos indivíduos. Essas formas de pensamento, como a ideia de que o trabalho tem um preço justo, tornam-se socialmente válidas e objetivas para os participantes desse modo de produção. A própria realidade aparece de forma invertida, e essa aparência é o terreno sobre o qual se erguem todas as noções jurídicas, mistificações do modo de produção capitalista, ideologias e ilusões de liberdade. A alienação e o fetichismo da mercadoria, é a manifestação histórico-concreta e objetiva dessa inversão, enraizada na produção generalizada de mercadorias.

A CONTRIBUIÇÃO DE LUKÁCS: A REIFICAÇÃO COMO DESTINO UNIVERSAL

Foi Georg Lukács, em sua obra seminal *História e Consciência de Classe* (1923), quem recuperou a centralidade da crítica da alienação para o

marxismo, desenvolvendo-a através do conceito de reificação (*cosificazione*). Para Lukács, a reificação é o processo pelo qual a estrutura da mercadoria penetra na totalidade da sociedade, transformando as relações humanas e a própria consciência em coisas.

Enquanto, o conceito de fetichismo de Marx se concentra na estrutura da mercadoria, a reificação em Lukács descreve como essa estrutura se torna o princípio organizador de todas as esferas da vida na sociedade burguesa. A atividade humana, as qualidades pessoais e as relações sociais são fragmentadas, quantificadas e tratadas como objetos autônomos que obedecem a leis aparentemente naturais e imutáveis da sociedade do mercado. O indivíduo torna-se um espectador passivo de um mundo social que ele mesmo criou, mas que agora o confronta como uma realidade estranha e opressiva.

Lukács argumenta que a reificação afeta tanto a realidade objetiva, a estrutura da sociedade, quanto a subjetiva, a consciência dos indivíduos. A consciência reificada aceita o mundo social como uma segunda natureza, imutável e governada por leis racionais e calculáveis, obscurecendo sua origem na atividade humana e, conseqüentemente, a possibilidade de sua transformação. A recuperação do conceito de alienação e do fetichismo da mercadoria e sua radicalização na teoria da reificação são, portanto, tarefas teóricas e práticas cruciais para desassociar o marxismo de toda deformação dogmática e restaurar sua dimensão crítico-revolucionária.

Em suma, a trajetória do conceito de alienação, de Marx a Lukács, revela um aprofundamento contínuo. Marx demonstrou como a alienação se origina no trabalho e se acentua sob o capitalismo quando o trabalhador se torna um objeto, a mercadoria, força-de-trabalho, totalmente subsumida ao capital e se manifesta como um fetichismo objetivo que estrutura a própria percepção da realidade social. Lukács, por sua vez, expandiu essa análise para mostrar como a lógica da mercadoria se universaliza na forma de reificação, dominando todas as facetas da existência humana, inclusive na educação que se transforma cada vez mais em uma mercadoria. Juntos, os citados autores, fornecem um quadro teórico poderoso para entender que a alienação não é apenas um sentimento de estranhamento, mas a própria forma de objetividade da sociedade capitalista, uma condição que só pode ser superada através da transformação radical dessa mesma sociedade. Romper com essa ideia

pragmática da objetividade e subjetividade, do sentido e de sua manifestação na consciência humana, foi o que impulsionou a criação de uma psicologia de cunho marxista, que iremos abordar a seguir.

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE ALIENADA À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL (PHC)

A partir da década de 1920, na União Soviética, cientistas resgatam a contribuição do marxismo para a ciência psicológica mundial, na intenção de propor uma ruptura com as concepções naturalistas, idealistas, inatistas e mecanicistas da psicologia burguesa. Inspirados pelo materialismo histórico-dialético e dialogando com as transformações sociais em curso, proporcionadas pela Revolução de 1917, Konstantin Kornilov lançou o Manual de Psicologia, elaborado segundo a perspectiva do materialismo dialético, fundando assim a Reactologia. (Leontiev, 2021)

Autores como Vygotsky, Leontiev e Luria, formam a referência principal da Psicologia Histórico-Cultural e situam o centro de suas análises numa abordagem histórica e cultural do desenvolvimento do psiquismo humano produzindo uma teoria psicológica concreta acerca das possibilidades da formação da consciência como forma superior de reflexo da realidade, capaz de chegar a uma reflexão ativa, objetiva, crítica e criativa acerca da realidade, a teoria da atividade e sua estrutura, que recebeu principal atenção dentro da construção teórica de Leontiev.

O constructo teórico desenvolvido pelos expoentes da PHC tem como ponto de partida a atividade vital humana, ou seja, o trabalho em seu sentido ontológico. O ser humano modifica a natureza a fim de responder a uma necessidade da sua realidade. Ao agir sobre o mundo exterior, os indivíduos geram mudanças objetivas e subjetivas, transformando a realidade concreta e a si mesmos. Neste processo, de forma dialética, temos a inauguração da consciência humana.

Só através da riqueza objetivamente desenvolvida do ser humano, escrevia Marx, é que em parte se cultiva em parte se cria a riqueza da sensibilidade subjetiva humana (que um ouvido se torna musical, que um olho percebe a beleza da forma, em suma, que os sentidos se tornam sentidos e se afirmam como faculdades essenciais do homem). De fato, não são apenas os cinco sentidos, mas também os sentidos ditos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra, a sensibilidade humana e o caráter humano dos sentidos, que se formam graças à existência do seu objeto, através da natureza humanizada. A formação dos cinco sentidos é obra de toda história passada (Leontiev, 2004, p. 179).

Nas teses sobre Feuerbach, Marx (2007) denuncia como o materialismo que lhe antecedeu, separava o conhecimento das relações práticas da vida, implicando em uma concepção materialista ingênua. Com isso em foco, ao adotar uma prática científica materialista, histórica e dialética a Psicologia Histórico-Cultural se diferencia radicalmente das vertentes psicológicas biologizantes e adaptacionistas que tratam a consciência de forma abstrata, a-histórica e descontextualizada do mundo objetivo. O trabalho filosófico de Marx trouxe à tona que,

[...] o conhecimento não existe fora do processo vital, que, por sua própria natureza, é um processo material, prático. O reflexo da realidade surge e se desenvolve no processo de desenvolvimento das relações reais de sujeitos cognoscentes com o mundo humano circundante; tais relações são determinadas e, por sua vez, têm um efeito sobre o desenvolvimento desses sujeitos (Leontiev, 2021, p. 44).

Para entender o processo psíquico que se estrutura como, a imagem subjetiva da realidade objetiva, faz-se mister compreender o processo de hominização, o desenvolvimento da espécie humana, e o salto qualitativo proporcionado pelo trabalho que leva a humanização, inaugurando o mundo social. Este sistema é instituído pela totalidade de processos psíquicos como sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, emoção e sentimento atravessados e desenvolvidos pelo ser social, tornando-se assim funções psicológicas superiores, exclusivamente humanas. Duas funções ganharam lugar de destaque na obra de Vygotski como fundamentais no processo de formação da consciência: a linguagem e o pensamento. A relação entre as citadas funções e a formação da consciência é amplamente abordada na obra vigotskiana, *Pensamento e Linguagem*. Leontiev em *Atividade, Consciência e Personalidade*, resgata os escritos de Marx para relacionar consciência e linguagem, ambas inseparáveis do trabalho como atividade vital humana.

Mas então, sob que forma concreta opera realmente a consciência da realidade circundante? Esta forma é a linguagem que, segundo Marx é “a consciência prática” dos homens. Razão por que a consciência é inseparável da linguagem. Como a consciência humana, a linguagem só aparece no processo do trabalho, ao mesmo tempo que ele. Tal como a consciência, a linguagem é o produto da coletividade, o produto da atividade humana, mas é igualmente “o ser falante da coletividade” (Marx); é apenas por isso que existe igualmente para o homem tomado individualmente (Leontiev, 2004, p. 92).

Isso rompe com a ideia de sujeito universal abstrato, revelando que o psiquismo humano é moldado pelas condições históricas e sociais nas quais o sujeito está inserido. Portanto, os teóricos da psicologia histórico-cultural reconhecem que a constituição da consciência pode se dar de forma limitada, fragmentada ou coisificada, dependendo da qualidade das relações sociais, também do trabalho alienado. Mas assim como essas determinações podem produzir a falsa consciência, elas pressupõem que algo pode ser diferente e transformado, pois a cultura não é um sistema fechado, visto que é a ação do ser social que molda a cultura e as consciências.

Nesse sentido, Leontiev, ao desenvolver a teoria da atividade, introduz a noção de que a consciência se estrutura a partir das relações entre sujeito, objeto e motivação ou intenção. O sujeito se forma pela inserção em atividades orientadas a objetivos sociais e não apenas biológicos. Contudo, em contextos alienados o elo entre significado pessoal e significado social pode ser rompido, produzindo uma consciência reificada ou inconsciente. Leontiev (2021, p. 25) alertava que “[...] a consciência precisa ser analisada não como campo de contemplação subjetiva no qual são projetadas imagens e conceitos, mas como movimento interno especial engendrado pelo movimento da atividade humana”.

Quando o processo de internalização e individuação ocorrem em contextos de relações sociais alienantes o sujeito tende a desenvolver modos de pensar e agir que naturalizam essas condições. Isso pode se manifestar na submissão à autoridade, no fatalismo, na ausência de sentido na atividade ou mesmo na incapacidade de refletir criticamente sobre si e sobre o mundo, elementos que dialogam diretamente com a crítica lukacsiana nos termos da reificação. Como nos lembra Marx, a sociedade dominada pelo capital produziu um estranho paradoxo, pois enquanto ampliou as forças produtivas, os meios de produção, e a riqueza social em geral, tornou aquele que a produz mais diretamente miserável e alienado, reservando o usufruto da riqueza a uma casta.

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior o número de bens que produz. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias, produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como

mercadoria, e justamente na mesma proporção em que produz bens (Marx, 2010, p. 159).

Portanto, a Psicologia Histórico-Cultural, ao compreender a subjetividade como produto da história e da cultura, fornece uma base teórica sólida para pensar como a alienação, o fetichismo e a reificação se instalam também no plano psicológico e não só no plano social. Embora tenhamos destacado os termos mais gerais deste debate, evidencia-se que é fundamental um aprofundamento do diálogo produtivo entre os fundamentos ontológicos de Lukács e a teoria da constituição psíquica em Vygotsky e seus colaboradores.

À GUIA DE CONCLUSÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE LUKÁCS E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Podemos identificar uma profunda afinidade nos escritos de Lukács e de autores da Psicologia Histórico-Cultural na forma como concebe-se a formação do sujeito, a centralidade do trabalho em seu sentido ontológico e o caráter histórico e contextual da formação da consciência. Essa convergência ancora-se no materialismo histórico-dialético marxiano, que fornece a ambos os arcabouços teóricos a uma ontologia voltada para explicar o ser social como produto da atividade humana.

Lukács concebe a consciência como uma forma de reflexão sobre o real, uma estrutura que emerge da prática social, especialmente do trabalho. Consciência não é uma entidade apriorística isolada ou interna, mas uma manifestação do ser social em sua relação ativa com a objetividade do mundo físico e social. Alienação, fetichismo e reificação, portanto, surgem quando essa relação com o mundo objetivo se torna distorcida, fragmentada ou obscurecida pela estrutura social, particularmente sob o regime capitalista, que converte as relações humanas em relações entre coisas, mercadorias a serem comercializadas no dito mercado: de produtos, de trabalho, de relações sociais. A reificação da consciência, que não leva em consideração o contexto social de sua formação, é a incorporação passiva da lógica fetichizada da realidade social.

Essa concepção encontra paralelos importantes na teoria histórico-cultural. Para Vygotsky, a consciência não deve ser tratada como uma essência eterna e imutável, mas sim como produto da inserção dos sujeitos em práticas sociais

mediadas por instrumentos e signos, necessários ao ato de trabalho e a inserção do ser humano na cultura. Como destacado por Lukács, a internalização de formas culturais de atividade ocorre por meio da aprendizagem do trabalho e da linguagem que permitem ao sujeito constituir-se ativamente como ser consciente e pensante.

Tanto em Lukács quanto em Vygotsky, a formação da subjetividade não é um dado natural, nem neutro, e pode ocorrer inclusive de forma alienada. Em Lukács, a reificação se expressa no olhar inconsciente acerca da ordem social compreendida como algo natural e imutável; em Vygotsky e Leontiev a alienação se expressa quando as condições sociais limitam o acesso à riqueza dos meios culturais, empobrecendo o desenvolvimento psíquico e reduzindo-o ou submetendo-o a respostas automáticas, práticas mecânicas, ausência de reflexão crítica e motivação para transformar a realidade. A fragmentação da atividade humana, típica da divisão capitalista do trabalho, por exemplo, impacta diretamente a maneira como o sujeito interpreta o próprio mundo.

Outro ponto importante de convergência é o papel da práxis como possibilidade de superação da alienação. Em Lukács, a práxis, é entendida como atividade humana que transforma a realidade; é o fundamento ontológico do ser social e também o caminho para a superação da reificação. A consciência crítica só pode emergir quando o sujeito, como partícipe e produtor do ser social, reconhece sua inserção ativa na história e na época em que vive. Da mesma forma, na Psicologia Histórico-Cultural, a atividade prática, significativa e socialmente orientada é a direção privilegiada pela qual o sujeito se constitui plenamente como ser genérico.

Por fim, ambas as abordagens reconhecem que a formação da consciência é sempre um processo dialético e contraditório, que envolve forças sociais, históricas e políticas em movimento dialético de lutas, contradições e possibilidades de transformação da realidade. A consciência não é uma reflexão passiva, mas uma síntese ativa e mediada da realidade objetiva, que pode ser realizada de forma alienada ou emancipatória, dependendo das condições sociais concretas.

Portanto, a aproximação entre Lukács e a Psicologia Histórico-Cultural não se configura apenas como uma compatibilidade teórica abstrata, mas como uma possibilidade concreta de articulação entre filosofia, psicologia e educação em um projeto comum de compreensão crítica do sujeito e seu lugar nas possibilidades de transformação do mundo. De fato, essa articulação é particularmente necessária no

campo da educação, da formação de professores e das práticas sociais transformadoras dos movimentos sociais, onde se faz necessário compreender como a subjetividade pode ser moldada, capturada ou emancipada em contextos históricos específicos.

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, Alexis, **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias, 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, Alexis. **Atividade, Consciência e personalidade**. Tradução de Priscila Marques. Bauru, SP: Mireveja, 2021.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAMARDASHVILI, Merab K. **Análise da Consciência nas obras de Marx**. Tradução de Bruno Bianchi. In: Kátharsis. Disponível em: <https://medium.com/katharsis/m-k-mamardashvili-an%C3%A1lise-da-consci%C3%Aancia-nas-obras-de-marx-1968-efbf4c68efe0>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007. p. 533-535.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.